

EDITORIAL

A Revista *Perspectiva Pictorum*, especializada em História da Arte e vinculada ao Departamento de História da UFMG, vem honrosamente apresentar o v. 2, n. 1 (jan-jul/2023). O periódico resulta das investigações do grupo de pesquisas homônimo, que desde o ano de 2007 promove eventos nacionais e internacionais fomentando discussões acerca da arte e suas amplas manifestações no cenário colonial luso-brasileiro e a dialética com Portugal, Espanha, Itália e alguns países da América Espanhola. Não obstante o interesse do grupo reside na pintura ilusionista de forros do Brasil colonial compreendida entre os séculos XVIII e XIX como parte integrante e resultante de um entrelaçamento de saberes científicos e valores formais intrínsecos às obras; temas como a retabulística, escultura e arquitetura, conservação, restauração, música, história e patrimônio não são preteridos, mas antes compreendidos e contemplados como partes de uma mesma engrenagem.

Nossa meta é estimular as trocas de conhecimento e possibilitar a ampliação de debates concernentes a história da arte - a mineira e a dos demais territórios nacionais, contando com a colaboração de alunos de graduação, de pós-graduação, e de pesquisadores afins com o tema. A interlocução entre os diversos saberes tem se tornado cada vez mais premente, e o Grupo de estudos *Perspectiva Pictorum* busca expandir possibilidades, preencher lacunas e realizar as costuras capitais à formação de um amplo pensamento entre os processos teóricos e operacionais formadores das expressões artísticas.

A presente edição consta de 14 artigos que compõem o dossiê referente a VII Jornada de estudos em História da Arte com o Seminário “O espaço colonial – entre o ornamento e a arquitetura”, realizado no fim de 2022; além de 4 artigos livres, uma resenha e uma entrevista. A proposta do Seminário foi suscitar a reflexão sobre as manifestações artísticas, culturais e metodológicas da obra de arte no Brasil entre os séculos XVI e XIX, reunindo pesquisadores e especialistas

empenhados no aprofundamento das discussões e análises sobre temas atuais no campo da História da Arte (pintura, escultura, música, retábulo, azulejo, arquitetura e restauro); desenvolvimento de novas metodologias de pesquisa para o amplo entendimento e debate da arte em Minas Colonial impulsionando a teoria e a metodologia da história da arte; debate sobre novas formulações teóricas nesse campo do conhecimento; proposição de condições de realização de trabalhos conjuntos entre os pesquisadores envolvidos na Jornada e alunos de pós graduação; e, finalmente, a organização de publicações específicas no campo da história da arte do Tempo Colonial.

As contribuições foram significativas: Alex Fernandes Bohrer tratou sobre o segundo Vereador de Mariana e a compreensão estilística nas Minas do século XVIII considerando o contexto da talha; Celina Borges Lemos dissertou sobre a Arquitetura civil e a ornamentação traçando uma correspondência com o centro histórico de Diamantina; Cenise Monteiro explanou sobre o “Formulário Atháidiano” como uma proposta do ilusionismo perspectivado na Capitania do Ouro; Janaína de Moura Ramalho Araújo Ayres apontou a ligação entre Rio de Janeiro e Minas Gerais e o diálogo sobre uma tipologia específica de pintura ilusionista das respectivas regiões; Jeaneth Xavier de Araújo Dias divulgou o panorama do trabalho de artistas e artesãos nas Minas Gerais à época dos setecentos; Luiz Antonio da Cruz versou sobre a ornamentação pictórica da Capela do Rosário dos Homens Pretos de Tiradentes. Magno Moraes Mello discorreu acerca da efemeridade entre a quadratura e as especulações teóricas nas discussões em Santo Antônio sob o comando de Inácio Vieira S.J.; a dupla Maria Cláudia Almeida Orlando Magnani e Maurizio Fedeli abordaram o Pano de Boca do Teatro Santa Izabel em Diamantina e a hibridação cultural no Brasil Imperial; Matheus Campelo apresentou a trajetória artística através de documentos coevos e o caso de Caetano da Costa Coelho, pintor da Venerável Ordem Terceira de São Francisco da Penitência, expondo e detalhando uma rede de intelectuais e de artistas no Rio de Janeiro Setecentista. Mateus Rosada e Gustavo Bastos expuseram a exacerbação

dos sentidos tendo por estudo de caso os retábulos pintados à imitação de arquitetura nas Minas setecentistas; Monica Lage salientou o processo de arrematação de obras públicas e religiosas nas Minas Gerais Setecentistas por meio de um estudo sistematizado; Pedro Zanatta Miranda Horn trouxe à luz a arquitetura, ornamentação e música na cidade de Sabará, a ambiência Barroca e Rococó e a Sonata “Sabará”; Robson L. S. Barbosa evidenciou a ordem do caos contextualizando a geometria como instrumento de análise de pinturas de tetos de igrejas; e Tiago da Cunha Rosa anunciou Maria como uma mulher vestida do sol na composição iconográfica da Virgem Apocalíptica de Antônio Rodrigues Bello em Cachoeira do Campo.

Quanto aos 4 artigos livres, a Revista contou com temáticas diferenciadas de cariz mais filosóficas. Renata Nogueira Gomes de Moraes propôs o encontro entre a ciência e a pedagogia jesuíta no Tratado de Perspectiva do padre Inácio Vieira (1678-1739); Sara Tatiane de Jesus indagou “Salomé ou Salomés?”, analisando as representações da história bíblica a partir da arte lombarda do século XVI; Thainan Noronha de Andrade refletiu sobre Cosimo I de' Medici e a influência saturnina; e Wantuil Miguel de Barcelos ponderou sobre os desencantamentos do mundo em Max Weber.

Apresentamos também uma resenha do livro de Claudio Monteiro Duarte, intitulado “Iconographia Spiritualis: Arte paleocristã e simbolismo funerário em um fragmento tumular na Basílica de Santa Agnese fuori le mura em Roma - 370-440”, Editora Appris (Curitiba, PR), ano de 2022, executada pelo Prof. Dr. em História Antiga Rafael Scopacasa.

Para fechar a edição, temos a entrevista conduzida por Lorenna Fonseca com a Dra. Ana Maria Tavares Cavalcanti, professora de História da Arte da Escola de Belas Artes na Universidade Federal do Rio de Janeiro e especialista na produção, circulação e recepção da arte entre Brasil e Europa nos séculos XIX e XX.

A Revista agradece a colaboração dos autores e de toda a equipe que possibilitou a expansão das ideias para além dos círculos acadêmicos, nos conectando com as variadas materializações da arte.

Janaína de M. R. A. Ayres